

Aristóteles, como um verdadeiro naturalista, voltado para as coisas concretas, provadas, esmiuçadas, diz, no tratado *De Anima* sobre as plantas, os animais, dos fenômenos naturais etc., enfim, com a sua maestria que há mais de dois milênios está viva na história da humanidade. Como afirma Enrico Berti, ao concluir a sua obra *ARISTÓTELES NO SÉCULO XX*:

*A presença de Aristóteles no século XX estende-se para vários outros setores da filosofia e da cultura, da lógica à poética e à estética, que seria demasiado prolongado ilustrar.<sup>1</sup>*

Ao contrário de Platão, que diz que as coisas não são realmente reais; que não são verdadeiramente reais, mas que as coisas são sombras das idéias, das idéias que estão no “topos uranos”, isto é, num lugar supra celeste; e que as coisas são, portanto, por participação das idéias, não verdadeira realidade, Aristóteles trata antes de interessar-se imediatamente, diretamente pelas coisas. Como afirma Kenny:

*E naturalmente vai dizer que as idéias estão nas coisas, justamente, e é o que chamará eidos. A palavra eidos é uma das palavras mais fundamentais, eidos é idéia. Assim, essa palavra que num texto platônico costuma-se traduzir por idéia, num texto aristotélico, eidos é melhor traduzido por espécie, pois a espécie está realizada **na** coisa, **nas** coisas.<sup>2</sup>*

No denominado tratado *Da Alma*, podemos encontrar aplicação simples e, ao mesmo tempo, profunda de Aristóteles sobre a doutrina da matéria e da forma em seus estudos de psicologia. Simples pela maneira direta, clara e objetiva com que trata o assunto; profunda pela forma como escancara, tornando-o quase palpável.

---

<sup>1</sup> Enrico BERTI, *Aristóteles no século XX*, p. 301.

O princípio da vida é a **alma**, que Aristóteles define não somente como ato da matéria em ordem ao conjunto dos elementos corpóreos, mas em ordem ao conjunto de órgãos: "... Por isso, a alma é a efetividade primeira do corpo natural que em potência possui vida."<sup>3</sup> Quanto à natureza da vida, Aristóteles considera-a essencialmente como calor, mas não o que provém do elemento fogo, mas outro de categoria superior, que procede do Sol ou dos astros.

A alma é una, e a sua essência é simples. Mas a alma realiza múltiplas funções e operações distintas: nutrição, sensação, apetite, pensamento. Essas funções em Platão correspondiam a três almas distintas. Aristóteles, por outro lado, suprime a multiplicidade de almas e a substitui por cinco classes de potência ou princípios distintos accidentais ou de operação, que se diversificam em função de seus atos e de seus objetivos: **vegetativa**, **sensitiva**, **intelectutiva**, **apetitiva** e **locomotiva**. As três primeiras são operações imanentes, ao passo que as duas últimas respondem à finalidade extrínseca dos seres, pois o fim dos seres vivos implica o apetite e a faculdade de mover-se para a consecução do objeto apetecido

Para Aristóteles, os homens não são os únicos seres que possuem alma ou psique; todos os seres vivos a possuem, desde as margaridas e moluscos aos seres mais complexos. Uma alma é simplesmente um princípio de vida: é a fonte das atividades próprias de cada ser vivo. Diferentes seres vivos possuem diferentes capacidades: as plantas crescem e se reproduzem, mas não podem mover-se nem ter sensações; os animais têm percepção, sentem prazer e dor; alguns podem mover-se, mas não todos; alguns animais muito especiais, nomeadamente os seres humanos, conseguem também pensar e compreender. As almas diferem de acordo com estas diferentes atividades, por meio das quais se exprimem. A alma é, segundo a definição mais geral que Aristóteles nos apresenta, a forma de um corpo orgânico:

---

<sup>2</sup> Anthony KENNY, *História Concisa da Filosofia Ocidental*, p. 138.

<sup>3</sup> ARISTÓTELES, *De Anima*, Livro II, p. 37 – (Na tradução de Lucas Angioni, IFCH/UNICAMP, jan, 2002).

*A anterioridade na ordem do devir num mesmo sujeito pertence assim ao conhecimento; logo, também a alma é ela enteléquia primeira num corpo natural potencialmente com vida. Qualquer corpo constituído por órgãos pertencerá a este tipo. Mesmo as partes das plantas são, elas mesmas, órgãos, ainda que de uma grande simplicidade: a folha protege o pericarpo, o pericarpo protege o fruto; as raízes correspondem à boca em virtude de absorverem os alimentos.<sup>4</sup>*

Tal como uma forma, uma alma é um ato de um tipo particular. Neste ponto, Aristóteles introduz uma distinção entre dois tipos de ato. Uma pessoa que não saiba falar grego encontra-se num estado de pura potência no que diz respeito à utilização dessa língua. Aprender grego é passar da potência ao ato. Porém, uma pessoa que tenha aprendido grego, mas que ao longo de um determinado tempo não faça uso desse conhecimento, encontra-se num estado simultâneo de ato e potência: ato em comparação com a posição de ignorância inicial, potência em comparação com alguém que esteja a falando grego. Ao simples conhecimento do grego, Aristóteles chama “ato primeiro”; ao fato de se falar grego chama “ato segundo”. Aristóteles utiliza esta distinção na sua descrição da alma: a alma é o ato primeiro de um corpo orgânico. As operações vitais das criaturas vivas são atos segundos. Parece que, neste sentido, argumenta Tomás em seus comentários:

*Sicut docet Philosophus in POLITICIS suis, quando aliqua plura ordinatur ad unum, oportet unum eorum esse regulans, sive regens, et alia regulata, sive recta. Quod quidem patet in unione animae et corporis: nam anima naturaliter imperat, et corpus obedit. Similiter etiam inter animae vires: irascibilis enim et concupiscibilis naturali ordine per rationem reguntur. Omnes autem scientiae et artes ordinantur in unum, scilicet ad hominis perfectionem, quae est eius beatitudo.<sup>5</sup>*

---

<sup>4</sup> ARISTÓTELES, *De Anima*, Livro II, p. 52 (Tradução de Carlos Humberto Gomes, Edições 70).

<sup>5</sup> S. Thomae AQUINATIS In Duodecim Libros METAPHYSICORUM ARISTOTELIS Expositio Prooemium S. Thomae, p. 104. — Tradução brasileira de Francisco Benjamin de SOUZA NETTO e Carlos Arthur R. do NASCIMENTO, p. 105: “Como ensina o Filósofo em seus escritos Políticos, quando vários são ordenados a algo, é necessário que um deles seja regulador ou diretor e os demais regulados ou dirigidos. Isto, em verdade, é manifesto na união da alma e do corpo, pois, naturalmente, a alma ordena e o corpo obedece. Ocorre o mesmo com as potências da alma, pois, o irascível e o concupiscível são, por ordem natural, dirigidos pela razão. Ora, todas as ciências e técnicas ordenam-se a algo de uno, isto é, à perfeição do homem que é a sua felicidade (...).”

A alma, no sentido aristotélico, não é, enquanto tal, um espírito, como nas Escrituras Sagradas, conforme a divisão tripartite neotestamentária, através do apóstolo Paulo, que divide o ser humano em espírito, alma e corpo<sup>6</sup>. Não é, também, um objeto tangível; mas isso resulta do fato de ser (como todos os atos primeiros) uma potência. O conhecimento do grego também não é um objeto tangível; mas não é, por isso, algo de fantasmagórico. Se há almas capazes, no seu conjunto ou em parte, de existirem sem um corpo tal existência independente será possível não por serem simplesmente almas, mas por serem almas de um tipo particular com atividades vitais especialmente poderosas. Argumenta Aristóteles:

*Mas, noutro sentido, chamamos sábio àquele que intelectualmente possui o conhecimento da ciência e da gramática. Ora, cada um destes sentidos não é em potência a mesma coisa: o primeiro implica o género e a matéria, segundo, a capacidade de exercitar o conhecimento respectivo livremente, caso nenhum obstáculo exterior o possa impedir. Finalmente, deparamos com aquele que conhece verdadeiramente: é em enteléquia e sabe que este é o **A**. em sentido próprio e genuíno. Aqueles dois primeiros, acima referidos, podem ser sábios em potência; um, porém, actualiza a sua potência, graças à alteração proveniente do estudo, passando freqüentemente a um estado contrário; o outro, por sua vez, actualiza a sua potência de maneira diferente, passando da simples posse do sentido, ou da gramática, sem a prática deste mesmo exercício (417 a 25 e 417 a 30).<sup>7</sup>*

Aristóteles fornece descrições biológicas concretas das atividades da nutrição, crescimento e reprodução que são comuns a todos os seres vivos. O tema torna-se mais complicado, e mais interessante, quando procura explicar a percepção sensorial (específica dos animais superiores) e o pensamento intelectual (específico do ser humano).

Ao explicar a percepção sensorial, Aristóteles parece adaptar a definição do Teeteto de Platão segundo a qual a sensação é o resultado de um encontro entre uma faculdade sensorial (como a visão) e um objeto sensorial (como um

---

<sup>6</sup> Primeira Carta de Paulo aos Tessalonicenses, 5:23.

objeto visível).<sup>8</sup> Contudo, para Platão, a percepção visual de um objeto branco e a brancura do próprio objeto são dois gêmeos com origem na mesma relação; ao passo que, para Aristóteles, o ver e o ser visto são uma e a mesma coisa. Aristóteles propõe a seguinte tese geral: uma faculdade sensorial em ato é idêntica a um objeto sensorial em ato. Isto faz lembrar, apenas para tornar o assunto menos denso, a frase dita num tom sarcástico por Oscar Wilde: “Nada pode curar melhor a alma do que os sentidos, e nada pode curar melhor os sentidos do que a alma”.<sup>9</sup>

Esta tese aristotélica, aparentemente obscura, é outra aplicação da teoria do ato e da potência. Podemos ilustrar isto por meio do exemplo do paladar. A doçura de um torrão de açúcar, algo que pode ser saboreado, é um objeto sensorial, e o meu sentido do paladar, a minha capacidade para saborear, é uma faculdade sensorial. A operação do meu sentido do paladar sobre o objeto sensível é a mesma coisa que a ação do objeto sensorial sobre o meu sentido. Ou seja, o fato de o açúcar ter um sabor doce para mim é uma e a mesma coisa que o fato de eu saborear a doçura do açúcar. O açúcar em si é sempre doce; mas só quando o coloco na boca a sua doçura passa de potência a ato. (Ser doce é um ato primeiro; saber o doce, um ato segundo.)

O sentido do paladar não é mais do que o poder para saborear, por exemplo, a doçura dos objetos doces. A propriedade sensorial da doçura não é mais do que ter um sabor doce para aquele que saboreia. Assim, Aristóteles afirma que a propriedade em ação é uma e a mesma coisa que a faculdade em operação. Claro que

---

<sup>7</sup> *Ibid.*, Livro II, pp. 65/66.

<sup>8</sup> Platón, Teeteto o De La Ciencia – *Obras Completas*, pp. 885/941.

<sup>9</sup> Oscar WILDE, *O Retrato de Dorian Gray* – *Obras Completas*, p. 71. O trecho completo em que Lord Henry expressa para Dorian Gray sobre alma e sentidos: “Lorde Henry, ao entrar no jardim, encontrou Dorian Gray com a face metida num grande ramo de lilases, sorvendo febrilmente o aroma, como se fosse vinho. Aproximou-se dele e pôs-lhe a mão no ombro. — Faz muito bem — murmurou —. Nada pode curar melhor a alma do que os sentidos, e nada pode curar melhor os sentidos do que a alma.” – No original: “...Nothing can cure the soul but the senses, just as nothing can cure the senses but the soul.”, Oscar WILDE, *The Picture of Dorian Gray* – *The Complete Stories, Plays and Poems*, p. 25.

o poder para saborear e o poder para ser saboreado são duas coisas muito diferentes, a primeira relativa àquele que saboreia, e a segunda relativa ao açúcar.

Este tratamento da percepção sensorial parece ser superior ao de Platão, porque nos permite afirmar que as coisas do mundo possuem de fato qualidades sensoriais, mesmo quando não são percebidas. As coisas que não estão sendo vistas são realmente coloridas, e o mesmo se aplica aos cheiros e aos sons, que existem independentemente do fato de serem ou não percebidos. Aristóteles pode afirmá-lo porque a sua análise do ato e da potência lhe permite explicar que as qualidades sensoriais são de fato poderes de um determinado tipo. Aristóteles serve-se também desta teoria quando lida com as capacidades racionais e intelectuais da alma humana, fazendo uma distinção entre os poderes naturais, como o poder de queimar do fogo, e os poderes racionais, como a capacidade de falar grego. E defende que se todas as condições necessárias para o exercício de um poder natural estiverem presentes, esse poder será necessariamente exercido.

Se pusermos um pedaço de madeira, adequadamente seco, sobre uma fogueira, o fogo irá queimá-lo; não há alternativa. Contudo, tal não acontece com os poderes racionais, que podem ser exercidos ou não, de acordo com a vontade do sujeito. Um médico que possua o poder para curar pode negar-se a exercitá-lo se o seu paciente for insuficientemente rico; pode até utilizar os seus talentos médicos para envenenar o paciente, em vez de o curar. A teoria dos poderes racionais de Aristóteles será usada para explicar o livre-arbítrio humano por muitos dos seus sucessores, especialmente Tomás de Aquino: “O homem tem livre-arbítrio. De outro modo, conselhos, exortações, ordens, proibições, recompensa e punição seriam vãos.”<sup>10</sup>

A doutrina de Aristóteles sobre os poderes intelectuais da alma é algo inconstante. Por vezes, o intelecto é apresentado como parte da alma; por conseguinte,

---

<sup>10</sup> Tomás de AQUINO, *Suma Teológica* – Questão 83

e uma vez que a alma é a forma do corpo, o intelecto assim concebido deverá morrer com o corpo. Noutros pontos, Aristóteles argumenta que, sendo o intelecto capaz de apreender verdades necessárias e eternas, deverá ser em si mesmo, por afinidade, qualquer coisa de independente e indestrutível; e em determinado ponto sugere que a capacidade para pensar é algo de divino e exterior ao corpo. Tomás parece argumentar neste mesmo sentido ao dizer que:

*Sic igitur, diligenter consideratis fere omnibus uerbis Aristotilis que de intellectu humano dixit, apparet eum huius fuisse sententie quod anima humana sit actus corporis, et quod eius pars siue potentia sit intellectus possibilis.*<sup>11</sup>

Aristóteles parece dividir o intelecto em duas faculdades, uma perecível e a outra imperecível: o pensamento, tal como o descrevemos, é aquilo que é em virtude de poder tornar-se todas as coisas; ao passo que existe algo que é o que é em virtude de poder fazer todas as coisas: trata-se de uma espécie de estado positivo como a luz; pois, num certo sentido, a luz transforma as cores em potência em cores em ato. Neste sentido, o pensamento é separável, não passivo e puro, sendo essencialmente ato. E quando separado é exatamente aquilo que é, e só ele é imortal e eterno.

*Quanto àquela parte da alma, a qual lhe permite conhecer e pensar, seja ela separável de si mesma ou, ainda, não separável de si mesma segundo a sua extensão respectiva, podendo, aliás, sê-lo segundo a respectiva noção – é uma situação que é necessário examinar: ver qual será o carácter que a pode distinguir assim como precisar o próprio processo de intelecção. Se é a intelecção análoga à sensação, deverá ela constituir, nessa eventualidade, ou uma espécie de paixão sob o efeito da acção daquilo que é inteligível ou, então, ser qualquer outra coisa semelhante. (...) Que a impassibilidade da faculdade sensitiva e a inalterabilidade da faculdade intelectual (429 a 30) não possam ser da mesma natureza, tal constitui um facto evidente, em relação a isso*

---

<sup>11</sup> Tomás de AQUINO, *De Unitate Intellectus contra Auerroistas*, p. 88. Em tradução portuguesa: “Portanto, assim, consideradas com atenção quase todas as palavras de Aristóteles respeitantes ao intelecto humano, torna-se evidente que a sua doutrina é a de que a alma humana é o acto de um corpo e o intelecto possível uma das suas partes ou potências.”, Tomás de AQUINO, *A Unidade do Intelecto contra os Averroístas*, p. 89.

*também assim se considerando os órgãos corporais e o sentido propriamente ditos. (...) (430 a 10). (...) De fato o intelecto é capaz de, por um lado (430 a 15), se tornar em todas as coisas e, por outro, capaz de produzir todas as coisas, por este modo se assemelhando o seu estado ao da luz: a luz deixa, de certa maneira, passar as cores do estado de potência ao estado de acto. Este mesmo intelecto encontra-se separado, sem se misturar de modo algum, permanecendo, portanto, impassível enquanto essência. (...). 429 a 10<sup>12</sup>*

A característica do intelecto humano que terá por vezes levado Aristóteles a entendê-lo como separado do corpo e divino: “O intelecto é, sem dúvida, aquela coisa mais divina e impassível”<sup>13</sup>, é a sua capacidade, parece, para o estudo da filosofia e, especialmente, da metafísica.

---

<sup>12</sup> ARISTÓTELES, *De Anima*, Livro III, pp. 101/104.

<sup>13</sup> *Ibid.*, Livro I, p. 41.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. **AQUINO**, Tomás de. *Suma Teológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
02. \_\_\_\_\_. *De Unitate Intellectus contra Auerroistas*. A Unidade do Intelecto contra os Averroístas (edição bilíngüe). Tradução de Mário Santiago de **Carvalho**. Lisboa: Edições 70, 1999.
03. \_\_\_\_\_. Proêmio ao “Comentário à metafísica de Aristóteles”. Tradução e introdução de Francisco Benjamin de **Souza Netto** e Carlos Arthur R. do **Nascimento**. São Paulo: Trans/Form/Ação, 5: 103-106, 1982.
04. **ARISTÓTELES**. *Da Alma*. Tradução de Carlos Humberto **Gomes**. Lisboa: Edições 70, 2001.
05. \_\_\_\_\_. *De Anima*. Tradução de Lucas **Angioni**. 2<sup>a</sup> ed. Textos Didáticos, nº 38. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002.
06. **BERTI**, Enrico. *Aristóteles no Século XX*. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
07. **KENNY**, Anthony. *História Concisa da Filosofia Ocidental*. Tradução de Desidério **Murcho**, etc. Lisboa: Temas & Debates, 1999.